

## RODRIGO

“O AMIGO EXEMPLAR” — chamou Manuel Bandeira a Rodrigo Melo Franco de Andrade. E quando lhe perguntam quem é seu melhor amigo, ele diz o mesmo nome, juntando estar certo de que nenhum outro amigo se zangará.

O mesmo que diz Bandeira poderia dizer a chamada coisa pública. E nenhum outro funcionário que o conheça ficará zangado quando se disser que Rodrigo M. F. de Andrade é o funcionário público exemplar do Brasil. Eu estava por acaso no Ministério da Educação quando soube que naquele dia — 18 de abril — o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil estava fazendo 20 anos. Rodrigo mandou chamar alguns dos seus funcionários, e eu me meti no meio deles. Não houve docinhos nem bebereje; nem sequer uma flôr. O que os funcionários ouviram foi um grave e delicado «pito» e um apêlo para que trabalhem mais. Nenhum se queixou depois; todos ficaram comovidos porque o funcionário que Rodrigo mais censurou foi ele mesmo, o chefe. O chefe que viveu êstes 20 anos exclusivamente para o serviço, a êle se entregou com um total carinho, uma completa humildade e uma extraordinária devoção. Depois de historiar, com áspera modéstia, o que o Serviço fez nestes 20 anos, Rodrigo fez a lista das coisas que se devia ter feito e não se fez e acusou disso em primeiro lugar a êle, chefe.

São, na realidade, coisas que estavam no papel da lei, mas não nas possibilidades do quadro, da verba e da vida. Para salvar nosso patrimônio histórico e artístico Rodrigo teve de brigar, durante êstes 20 anos, com tôda espécie de gente: presidentes da República, ministros, almirantes, generais, governadores, prefeitos, bispôs, arcebispos, particulares cheios de dinheiro e de ambição ou simplesmente de estupidez. Primeiro teve de fazer a lei; depois fazer, por todo o Brasil, o levantamento dos bens a proteger; e restaurar, resguardar, vigiar. O que o Serviço tem feito além disso — pesquisas, estudos, desenhos, fotografias, organização de museus e exposições, catalogação de arquivos de capitâneas, bispados e municípios, publicações de revistas e livros, é, na verdade, uma obra imensa, feita sempre com verba mesquinha, mas feita com amor, com ardor, com dedicação.

Rodrigo nos mostra, com seu exemplo, que a coisa pública pode ser objeto de paixão. Essa paixão consome nele, o jornalista, o crítico e o excelente, o maravilhoso jornalista de «Velórios», e consome também sua vista e sua saúde, mas não sua inesgotável paciência, sua encantadora simplicidade, sua espantosa modéstia. Essa paixão êle transmiteu a muitos de seus auxiliares, transformando artistas, urbanistas, arquitetos, estudiosos e poetas em funcionários excelentes.

E um deles me contou:

— «Quando Rodrigo nós manda fazer uma coisa e a gente demora, sabe qual é a vingança dêle? Êle faz, e fica quieto.»